

O DUALISMO DO SER ÓRFICO NA EPÍSTOLA DE PAULO AOS ROMANOS

Roger Ribeiro da Silva*

RESUMO: Este trabalho consiste na comparação de fragmentos de textos encontrados na obra de Platão e na Epístola aos Romanos atribuída à Paulo. Retirados de inúmeros textos atribuídos a Platão, estes fragmentos tiveram confirmados indícios da teologia órfica pelo professor Alberto Bernabé Pajares. E ao aplicar a Metodologia de Análise do Discurso Teológico, desenvolvido especificamente para este trabalho, e comparado os resultados individuais, encontramos pontos de encontro entre as duas teologias, a Órfica e a Paulina, acentuando o que tange a crença no Dualismo do Ser. A problemática levantada neste trabalho se refere a como a representação¹ da alma unida ao corpo, encontrada em escritos paulinistas, apresenta indícios de contatos com fundamentos órficos no berço do cristianismo.

PALAVRAS CHAVES: Orfismo, Cristianismo, Paulinismo, Cultos de Mistério.

ABSTRACT: This work involves comparing text fragments found in the works of Plato and the Epistle to the Romans assigned to Paul. Withdrawn from numerous texts assigned to Plato, these fragments had confirmed evidence of the orphic theology by teacher Alberto Bernabé Pajares. And to apply the methodology theological discourse analysis, developed specifically for this work, and compared the individual results, we found meeting points between the two theologies, Orphic and Paulinist, accentuating the belief in the areas of dualism of being. The problem raised in this work refers to as the representation of the soul united to the body, found in written paulinism, shows contacts with pleas orphic in cradle of christianity.

KEY-WORDS: Orphism. Christianity, Paulinism, Mystery Cults.

* Graduado em História pelo Centro Universitário Augusto Motta e Pós-graduando em História Antiga e Medieval pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, integrante do Grupo de Estudos da Antiguidade do Centro Universitário Augusto Motta (GEA-UNISUAM) e do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA-UERJ). E-mail: Profroger1987@yahoo.com.br.

¹ A *representação* é dar a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a *representação* é como a exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém (CHARTIER, 1990, p. 20).

Encontramo-nos em uma sociedade pós-moderna, que presencia um processo de pós-secularização ou dessecularização, processo de desconstrução da secularização que o mundo se inseriu a partir do século XIX. O que nos leva a encontrar hoje o ressurgimento do religioso e a pensar o *retorno do sagrado*. Não é imperceptível o aumento da religiosidade, mesmo em países mais secularizados, como os antigos países do bloco socialista (PIERUCCI, 1998, p.3-7). Porém, a dessecularização traz uma *subjetividade*² diferenciada do pensar religioso dos séculos anteriores ao XIX. Constatamos a presença acentuada de individualidade juntamente com uma religiosidade desprendida de antigas tradições, proporcionando ao indivíduo o poder de escolha no como entrar em contato com o sagrado. Contudo esta individualidade, *subjetividade*, não é necessariamente pós-moderna ou contemporânea, pois através de um levantamento documental percebemos que a presença de alternativas religiosas é encontrada desde a Antiguidade.

Encontramos na Antiguidade um conjunto de movimentos religiosos, com base teológica e doutrinária voltadas para a crença na imortalidade da alma, assim como, uma escatologia e uma exegese ascética, que já subsistiam da procura subjetiva de homens necessitados de uma promessa de melhor existência no pós-morte. Estas manifestações religiosas são denominadas *mistérios*, que segundo Rita Codá, tratava-se, geralmente, de um conjunto de doutrinas e práticas religiosas proibidas à não iniciados e que deram origem a confrarias secretas de neófitos. Elas pregavam a necessidade de purificação, penitência, abstinência, ritos iniciáticos, ensinamentos esotéricos, comensalidades festivas, fé mística e uma certa união de classes sociais, tendo como origem os cultos sírios e frígios da Grande Mãe (CODÁ, 2005, p. 19-20).

Dentre estas religiões que conhecemos como, “Religiões ou Culto de Mistérios”, encontramos Culto de Mistérios Cristão e o Culto de Mistérios Órfico, que continham

² De acordo com o Prof. Francisco da Silveira Bueno define-se por Subjetividade, s. f. Qualidade de subjetivo; Subjetivo, adj. Relativo a sujeito; existente no sujeito; passado exclusivamente no espírito de uma pessoa; s. m. aquilo que é subjetivo. (BUENO, 2000).

como pontos em comum não só uma escatologia norteada por bênçãos e punições no mundo dos mortos e a crença na imortalidade da alma/psique, assim como a crença no *Dualismo do Ser*³. São estas semelhanças que nos leva a estudar o subjetivismo religioso encontrado na Antiguidade, assim como tornou o termo “Religiões de Mistérios da Antiguidade Tardia” bastante conhecido desde o início do século XX. E este interesse continuará vivo enquanto o surgimento do Culto de Mistérios Cristão se mantiver como um problema central no estudo da Antiguidade e na História da humanidade (BURKERT, 1991, p. 13-14).

Este trabalho consiste na comparação de fragmentos de textos encontrados na obra de Platão e na *Epístola aos Romanos* atribuída à Paulo. Retirados de inúmeros textos atribuídos a Platão, estes fragmentos tiveram confirmados indícios da teologia órfica pelo professor Alberto Bernabé Pajares. Ao aplicar a *Metodologia de Análise do Discurso Teológico*, desenvolvido especificamente para este trabalho, e comparado os resultados individuais, encontramos pontos de encontro entre as duas teologias, a Órfica e a Paulina, acentuando o que tange a crença no *Dualismo do Ser*. A problemática levantada neste trabalho se refere a como a *representação*⁴ da alma unida ao corpo, encontrada em escritos paulinistas, apresenta indícios de contatos com fundamentos órficos no berço do cristianismo.

O Culto de Mistérios Órfico

“A primeira concepção de pós-morte parece ter sido a de uma sobrevivência limitada no túmulo”, como afirma a professora Rita Codá (2005, p. 18). O culto aos mortos e a busca de conforto tumular pode ser encontrado em inúmeras sociedades antigas, tanto na Europa, quanto no Antigo Oriente Próximo, sempre com o intuito de

³ Crença que afirma que o homem teria na sua constituição duas metades, uma formada pela parte carnal e outra formada pela Alma/Psique.

⁴ A *representação* é dar a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a *representação* é como a exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém (CHARTIER, 1990, p. 20).

confortar aqueles que não mais se encontravam entre os vivos. Os poemas Homéricos e a obra de Hesíodo *representam* claramente a concepção Arcaica de exigência tumular helênica, destacando um mundo subterrâneo e tenebroso (Hades), governado por um déspota divinal e habitado pelas sombras dos que um dia foram homens dotados de vida.

Contudo, também é passível de identificação a existência, nestas sociedades, de alternativas que possibilitariam um melhor além tumulo para membros da nobreza, claro ou da aristocracia guerreira, como a mumificação para os faraós no Egito ou os Campos Elíseos, destinado aos deuses e heróis gregos que não pereceram nas batalhas de Tebas e Tróia (CODÁ, 2005, p. 19). Entre tanto o sincretismo de práticas orientais à religiosidade helênica proporcionou o surgimento de religiões de mistérios, que como destacado anteriormente, propuseram no ocidente (Grécia a priori, mas estendido a todo o mediterrâneo antigo pelos processos de helenização e romanização consecutivamente) meios de ascensão do homem comum à bem-aventurança encontrada nos Elíseos.

O Culto de Mistérios Órfico foi um movimento religioso surgido na Grécia Arcaica do século VI a. C, ligado aos ensinamentos de Orfeu. Este culto de mistérios estabelece um paralelismo para com a religião oficial da polis grega, pois se caracteriza como uma recusa a ordem social estabelecida pelo sistema político-religioso da religião pública (DETIENNE, 1988, p. 174). Esta opção religiosa impõe aos seus seguidores uma escolha subjetiva e individual, dependente de uma decisão pessoal do indivíduo em busca de salvação através de uma aproximação com a divindade, tendo por base a busca por uma melhor existência no pós-morte, que a religião oficial não pode oferecer (BURKERT, 1992, p.25).

O gênero de vida definia-se por um numero de privações que de certa forma os elevavam ao status de mediador entre o profano e o sagrado. A vida órfica (bios orphikos) é descrita por Brandão (1991, p. 160-161), em conformidade com o que fora anteriormente dito por Detienne (1988, p. 175), como uma doutrina onde se encontram: a crença no dualismo do Homem; na metempsicose (ciclo de reencarnações); na

punição de faltas cometidas em vida, no Hades; na glorificação final da psique no Elíseos; na proibição contra o homicídio (de homens e animais) e no vegetarianismo, sempre em busca da kátharsis (purificação) (BRANDÃO, 1991, p. 160-161). Tringali (1990, p. 21-22) complementa as nossas informações sobre a vida do neófito órfico (iniciado), afirmando que aos dogmas era correspondida uma moral, uma ascese, uma mística e uma liturgia.

No entanto de acordo com Guthrie (1991, p. 198-200), a vida órfica refere-se, quase exclusivamente, à abdição de carne animal na alimentação ou em sacrifícios, um aspecto que para Detienne (1988, p. 174-175) fora um rompimento de uma das perspectivas de comunicação, da religião pública, entre homem e divindade(s), rompendo um elo de comensalidade efetuado em banquetes e sacrifícios. Nos anos 1990 o autor afirma que a vida órfica se resumia no exercício constante para a santidade e no cultivar de técnicas de purificação a fim de separar-se dos outros, daqueles que são susceptíveis aos assassínios e a macula (DETIENNE, 1991, p. 94-95).

Enxergamos como arquétipo uma das narrativas mais encontrada na documentação órfica (escrita por Calímaco e Eufóron), que seria a de um Dioniso Zagreu, primogênito de Zeus (rei dos deuses e senhor do trovão) e Perséfone (esposa de Plutão e filha de uma relação incestuosa de Zeus com sua irmã, Reia-Deméter), e filho mais querido do senhor dos deuses. (BURKERT, 2002, p. 20-25).

Enciumada pelo amor de seu esposo por um filho que não veio a ser gerado em seu ventre, Hera (esposa de Zeus e rainha dos deuses) ordenou aos titãs que raptassem e mortificassem o menino deus. Os titãs despedaçaram o menino, cozeram e devoraram-no como em um banquete sacrificial. (Brandão, 1991, p. 160-165). Após o banquete, onde deixam somente poucas partes do menino, incluindo seu coração (Recolhidos posteriormente por seu irmão, Apolo), os titãs são fulminados por um raio enviado pelo pai enfurecido de Dioniso. Entramos então no ponto culminante do mito, pois das cinzas dos titãs nascera a humanidade. Os órficos acreditavam na dupla natureza do Homem: a primeira seria a natureza titânica da qual descenderia das

cinzas dos titãs, esta compreende ao corpo carnal do indivíduo, e a segunda seria descendente das cinzas do menino Dioniso, que teria sido fulminado juntamente com seus algozes, por se encontrar ingerido dos mesmos. A esta segunda natureza compreende-se a alma do Homem, imortal e divina. (*idem*).

. Brandão (*idem*) acrescenta o medo derivado da crença na mentepisicose, vendo no assassinato de animais o assassínio de uma psique encarnada, e no sacrifício sangrento uma atitude similar a dos Titãs. Ambas as crenças são destacadas no papiro encontrado em Dérvinie, datado do século V a.C. Complementamos com a visão de Detienne (1988, p. 175-176), que ao descrever o negar do sacrifício, como uma suposta negação ao mito de Prometeu, informa que nesta negação encontra-se a abstenção de todo o sistema político-religioso da religião poliade grega, e a sua separação entre homens e deuses. Estamos de acordo que o efeito desta negação, somada a crença de que a psique humana é uma parte do próprio Dioniso, é o inevitável atrito com o pensamento religioso oficial grego no período Clássico.

O Culto de Mistérios Órfico, teria sido, um diferencial da concepção religiosa da pólis grega com inúmeros pontos de divergência. Destacando-se em sua cosmogonia - mostrando uma nova forma de ver a criação do cosmos, porém ainda partindo de um princípio caótico, como Hesíodo. Em sua teogonia traz uma abordagem diferenciada da criação dos deuses, e explica a tão necessária relação do “um” com o “todo” no mundo grego, utilizando Zeus como sendo o princípio e a regência de todas as “coisas”. Destaca-se, e com grande importância a sua antropogonia, informando que o homem se origina das cinzas dos titãs e do menino Dioniso Zagreu, tendo ele um corpo impuro, servindo de cárcere para uma alma divina e imortal. Rejeita o sacrifício sangrento, rompendo com laços de comensalidade entre cidadãos e com o mito, arquétipo, separatista de homens e deuses. Contudo, o ponto alto desta diferença, e o mais fascinante no pensamento religioso órfico é a sua escatologia, que divide o Hades em três pontos, para onde se destinam os mortos de acordo com um critério moral de julgamento de seus feitos em vida.

O Culto de Mistérios Órfico e Suas Analogias e Relações Com o Culto de Mistérios Cristão

Favaro e Binato (2008, p. 74-83) informam que atribuiu-se importância exagerada ao Culto dos Mistérios Órficos, e que inúmeras analogias e relações com o Culto de Mistérios Cristão foram, erroneamente, criadas. Ainda segundo os autores, se há alguma analogia entre ambas as religiões, ela existe certamente no que tange ao dualismo corpo - alma e no antagonismo entre aquele e esta, pregado pela filosofia platônica e abraçado por Santo Agostinho; existe mais ainda na crença na imortalidade da alma, diferindo, no entanto, uma da outra quanto ao destino do corpo. Para o Culto dos Mistérios Órfico o corpo, cárcere da alma, é por ela abandonado na morte e segue seu destino, a corrupção, simplesmente torna-se pó, como no culto cristão, todavia, para a seita cristã o corpo é o templo onde habita o espírito santo da divindade (I Cor. 3, 16). Com tudo as semelhanças não são tão poucas como informa os professores citados.

Guthrie nos depara com uma visão que enxerga no Culto dos Mistérios Órficos uma reforma religiosa ao Dionisismo, comparando-o a reforma cristã empregada a um judaísmo que precedia o nascimento de Jesus (1991, p.197-198). E segundo Burkert (1991, p.15), o Culto de Mistérios Cristãos teria refletido princípios dos cultos de Elêuses e Órfico-dionisiacos. Dentre estes princípios destacaremos o *Dualismo do Ser*, para trabalharmos, o que não descarta a existência de outras familiaridades. Outro ponto de discordância com a obra de Favaro e Binato é o de destacar o abraçar de Santo Agostinho aos princípios órficos, mediados por Platão, como único autor de encontro das duas doutrinas, sem mencionar o surgimento destes princípios ainda nos primeiros escritos Cristãos. Um dentre estes escritos é a “Epístola de São Paulo⁵ aos Romanos”⁶.

⁵ A genealogia mais aceita de Paulo trata de um judeu nascido em Tarso, na Cílicia, uma cidade helenizada por definição, integrada ao Império Romano. Filho de uma família de judeus da diáspora babilônica, retentor da cidadania romana por herança paterna e dominante da língua grega (Selvatici: 2001, 278).

⁶ As cartas, consideradas, autênticas de Paulo, foram todas escritas entre o ano 50 e a sua morte em 64, ou 67, da era crista, e tratam da documentação mais antiga da seita crista. Em meio a esse corpo

O Processo de Helenização da Judéia e o Paulinismo.

Sem necessariamente discutir a autenticidade da autoria da *Epístola aos Romanos* pelo apóstolo cristão, nos prendêramos ao fato de esta ter sido escrita por um *judeu helenista*⁷, convertido a seita cristã, e enviada a uma comunidade cristã no seio do Império Romano⁸. A figura de Paulo não será por nos trabalhada em momento algum desta obra, e nos referiremos aos escritos a ele atribuídos como paulinos, ou paulinistas, devido à associação tradicional destes a corrente cristã primitiva denominada Paulinista⁹.

Tendo como fundamentação teórica o conceito de *representação* desenvolvido pelo professor Roger Chartier, ressaltamos que as *representações* do social, encontradas no texto paulinista, não são de forma alguma discursos neutros, e ainda segundo o autor, produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17). A epístola em questão, assim como as demais encontradas no Novo Testamento, tem como finalidade o discipulado e o doutrinamento de comunidades de fieis, o que nos leva seguidamente a considerar estas *representações* como as matrizes de discursos e práticas induzidas pela doutrina a qual representam. De acordo com Chartier (1990, p. 18), “*mesmo as representações coletivas mais elevadas só tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente, a partir do momento em que comandam atos*”. Logo sua objetividade se encontra na construção do mundo social, e como tal, a

documental se encontra a epístola aos romanos. No entanto a distinção entre as cartas autênticas e as cartas pseudo-epigrafadas não se faz com segurança (Quesnel: 2004, 110-111).

⁷ *Judeu Helenista* e o termo aplicado aos de língua grega entre os judeus. O texto aparece no *Novo Testamento* designando os q não mais habitavam a região da palestina, e como se opondo ao termo *Hebreu*, que designava os judeus que ainda conservavam o aramaico como língua primeira, e viviam, ou o menos nasceram no território palestino (Selvatici: 2001,275).

⁸ Os escritos deste documento teriam como interlocutores judeus helenistas iniciados no Culto de Mistérios Cristãos, da cidade de Roma, contrários as idéias paulinistas de abertura de seus ensinamentos e crenças aos incircuncisos (Barbaglio: 1991, 123).

⁹ São três as diferentes tradições encontradas dentro do Culto de Mistérios Cristãos: Petrina (fundamentada na pregação atribuída ao apóstolo Pedro); Joanina (fundamentada na pregação atribuída ao apóstolo João); Paulina (fundamentada na teologia atribuída a Paulo) (Selvatici: 2001, 272).

definição contraditória das identidades dos destinatários, das epístolas, segundo os preceitos teológicos do mestre doutrinador religioso.

Acima de tudo destacamos a importância do processo de Helenização do mediterrâneo como principal agente fecundador dos princípios órficos na seita judaica, atribuída a Cristo. A idade helenística¹⁰ proporcionou uma circulação internacional das idéias, embora reduzindo fortemente o seu impacto revolucionário. Comparada ao tempo axial¹¹, precedente, a idade helenística é dócil e conservadora. Mesmo o Paulinismo entra em cena na atmosfera geral e de respeitabilidade. Os judeus, por sua vez, permaneceram conservadores no que tange a sua crença de superioridade teológica e dogmática-filosófica, e lutaram por elas. No entanto, compararam continuamente as suas idéias com as idéias gregas, propagandearam suas crenças, absolvendo muitos costumes e noções gregas no processo, e por fim se acharam envolvidos naquela confrontação geral de valores gregos e judeus que denominamos: Culto de Mistérios Cristão (MOMIGLIANO, 1991, p. 16-17).

A religião no período Helenístico se encontrara de forma diferenciada para os próprios gregos, a crença na religião poliade já se encontrava decadente e quase esquecida, proliferava os cultos de mistérios, como o Culto dos Mistérios Órfico. O sincretismo religioso entre cultos locais e os mistérios gregos deram origem a inúmeras mudanças nas comunidades helenizadas, e não se deu de forma diferenciada com os *judeus helenistas*. A idade Helenística¹² fora certamente o período de maior estabelecimento de comunidades judaicas por todo o mundo mediterrâneo. Como conseqüência da invasão de Alexandre em 332 a.C., de dos romanos três séculos depois, milhares de judeus migraram para varias partes do mundo mediterrâneo. Vivendo em meio a outros povos, absorveram a língua, e uma grande carga de cultura

¹⁰ Se caracteriza como oposição ao Tempo Axial, e o desenvolvimento simultâneo de varias civilizações que unem uma forte conexão entre elas, evitando o paralelismo (Momigliano: 2001, 15-18).

¹¹ O Tempo Axial, e o desenvolvimento de varias civilizações em linhas paralelas (Momigliano: 2001, 15-18).

grega, assim como desempenharam papel relevante na disseminação de crenças orientais (BURNS, 2007, p.137-138).

Muitos destes se converteram a seita cristã, que se revelava mais um culto de mistérios, porém de origem judaica, e segundo Burns (*idem*), teriam Saulo de Tarso como principal exemplo. Comunidades judaitas ou israelitas se estabeleceram em cidades gregas e helenizadas como: Delos, Esparta, Cos, Rodes, Sardes, Damasco, Alexandria e principalmente Antioquia¹³ (Atual Antaquia na Turquia) e Roma. Nestas comunidades os escritos sagrados do judaísmo, a Torá, tiveram de ser traduzidos para o grego, já que devido a sedução das facilidades mundializantes desta língua, os judaitas que lá se encontravam, muitas vezes, já não dominavam o aramaico. Sabemos, também, que os Judeus levados ao Egito na época de Ptolomeu III (246-221) tornaram o velho testamento compreensível à língua grega, a Septuaginta, e que a principal comunidade cristã no período paulino se encontrava em Antioquia. O que demonstra a forte influencia da cultura grega na vida cotidiana destas comunidades de judeus dispersos (GUNNEWEG, 2005, p. 249-250; MOMIGLIANO, 1991, p. 83-84).

Certamente o texto encontrado na *Epístola aos Romanos* fora escrito por um *judeu helenista*, provavelmente se trata de um texto originário de um membro da comunidade de Antioquia, se considerarmos a autoria de Paulo, enviados a comunidade crista de Roma. A afirmação consiste não só pelo encontrar de influxos órfico-platônicos, como pela escrita em grego do documento. Lembrando que os velhos mitos que permitiam conceber uma possível vida bem-aventurada no pós-morte, ritualizados nos mistérios órficos ou presentes em fundamentos filosóficos, tiveram grande difusão no mediterrâneo entre os séculos I a.C. e I d. C. (CODÁ, 2005, p. 21), proporcionando um possível contato do autor, e seu grupo social, com princípios deste culto.

¹³ Comunidade de iniciados no Culto de Mistérios Cristãos localizada na atual Antaquia, Turquia, teria sido a principal comunidade do Culto. Nesta comunidade o nome “cristão” teria sua criação na necessidade destes em se diferenciar dos judeus encontrados na região, também, fora desta comunidade que as viagens missionárias atribuídas a Paulo partiram (Selvatici, 2001, 227).

É notável a influencia das correntes filosóficas gregas no pensamento helenístico durante o período da epigráfia do documento. Como também é inegável a contribuição das correntes filosóficas gregas: Estóicas, Neopitagóricas, Platônicas, que detinham elementos órficos em suas composições, na formação da Apologética do Culto de Mistérios Cristão, na sua origem primitiva, e posteriormente medieval (JAUREGUI, 2005, p. 131-135; GUNNEWEG, 2005, p. 253-254). Assim como não podemos descartar o quão forte era o contato dos *judeus helenistas* com essas correntes de pensamento (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 34-40), criando um ambiente mais propício para a propagação do novo culto de mistérios.

Norteados pelo princípio de que a *Epístola aos Romanos* é uma *representação* dos preceitos religiosos encontrados junto aos iniciados de Antioquia, e como tal faz presente, em Roma, uma doutrina ausente, teve então de ser escrita de forma inelegível aos seus destinatários. Sendo preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor (CHARTIER, 1991, p. 182). Assim sendo o autor da carta teve de se preocupar em utilizar signos e argumentos presentes na cultura dos destinatários para tornar eficaz a sua retórica e argumentativa.

De acordo com Chartier (1990, p. 24), no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação do leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. O autor Paulinista utilizou então de princípios filosóficos (estóicos, pitagóricos e platônicos) para fazer compreensível a sua argumentação religiosa, já que estes eram conhecidos, e legitimados, dentro da estrutura sócio-cultural helenística. As práticas através das quais o leitor se apropria do texto são históricas e socialmente visíveis. A leitura é um ato concreto de interpretação que depende não somente do escrito como também das competências do leitor, neste caso específicas do grupo social envolvido com a fé cristã, mas também romanos inceridos em sua cultura helenística e romanizadora. O autor então teria optado pela utilização de

princípios órficos – que chegará até o mesmo através de indícios encontrados nas obras das correntes filosóficas já citadas – para o melhor entender de seus correspondentes romanos.

O Método de Análise do Discurso Teológico e as Relações Estabelecidas Entre Paulo e Platão.

A epístola apresenta um texto inscrito de natureza conativa, ou seja, corresponde a uma mensagem enviada de um emissor a um receptor, neste caso de um mestre/sacerdote a um corpo de iniciados/fieis, com uma linguagem composta de símbolos comuns aos asseclas, Porém diferenciado dos demais membros do Império Romano, dotado também de toda uma carga sociocultural própria do período Helenístico. Após transpor esses obstáculos e tornar operacional a abordagem do texto, podemos aplicar a *Análise do Discurso Teológico*, técnica metodológica específica que nos permite dar conta da especificidade da natureza da documentação.

Compreendermos a grafia da epístola como produto cultural em forma de texto, discursivo pessoal que usa uma linguagem verbal comum que circulava entre os místicos cristãos do século I d.C. De posse dessa linguagem verbal, os iniciados, formalizam o discurso teológico-doutrinário. Entendemos por discurso teológico-doutrinário um conjunto de estratégias e práticas, apresentadas em um texto de fundo religioso, que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Para a comparação de fragmentos de textos encontrados na obra de Platão e da *Epístola aos Romanos* atribuída à Paulo, retiramos fragmentos de inúmeros textos atribuídos a Platão, fragmentos estes, que tiveram confirmados a presença de indícios da teologia órfica pelo professor Alberto Bernabé Pajares em sua composição, como já mencionado anteriormente, somados a fragmentos selecionados da epístola paulinista. Aplicando a metodologia, e comparado os resultados individuais encontramos pontos

de encontro entre as duas teologias, a Órfica e a Paulina, acentuando o que tange a crença no *Dualismo do Ser*.

Encontramos a priori no *Fedon* um resumo da visão órfica em relação ao *Dualismo do Ser*. “Pos bem, o que dizem nos escritos secretos sobre isto, de que as pessoas estão em uma espécie de custódia e que sobre tudo não devemos nos libertar dela nem escapar, me parece algo grande e fácil de entrever” (PLATÃO, *Fedón*, p.62. *apud* BERNABÉ, 2003, p. 222).

Segundo Bernabé, neste texto encontramos o termo “*pessoa*” relativo à Alma/psique, tendo o corpo uma importância inferior. De acordo com o mesmo, Platão se refere ao corpo como cárcere, mas também como involutório protetor do corpo. Em outros fragmentos também encontramos estes indícios, como encontramos no Crátilo:

Em efeito alguns dizem que este e a sepultura da alma, como se esta estivesse sepultada em sua situação atual e, de outra parte, que, como a alma manifesta o que manifesta através dela, neste sentido se chama corretamente “*signo*”. Sem embargo, me parece que Orfeo e os seus o impuseram este nome sobre tudo porque a alma, que paga o castigo pelo que deve paga-lo, o tem como recinto, a semelhança de uma prisão, onde pode ver-se *sem e salva*; que, em consequência, este e o corpo da alma, como seu próprio nome indica, *ate que expie o q deve*, e que não cometa o erro de mudar-hle nem uma só letra (PLATÃO, Crátilo, p. 400 *apud*: BERNABÉ, 2003, p. 223).

Na visão órfica o corpo e uma prisão, onde a alma habita *ate que se tenha purgado o pecado original*, e os demais acumulados durante o ciclo de reencarnações, estes fragmentos mostram uma visão modificada, refinada, do pensamento métrico original. Com tudo Platão demonstra claramente, e segundo o seu olhar, a forma como os iniciados neste culto se posicionavam em relação a ao contato do corpo com a psique, e como estes se relacionavam. Já mencionamos anteriormente como o corpo se mostra, *Templo do Espírito Santo de Deus*, no Culto de Mistérios Cristãos, o que difere nitidamente da visão negativizada do Culto de Mistérios Órficos. Ainda assim encontramos na Epístola aos Romanos a o *Dualismo do Ser Órfico*, presentes nos seguintes fragmentos:

Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava, fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra (Romanos: 7: 6).

Deus tornou possível aquilo que para a Lei era impossível, porque os instintos egoístas a tornaram impotente. Ele enviou seu Filho numa condição semelhante a do pecador, em vista do pecado, e assim condenou o pecado na sua carne mortal (Romanos: 8, 3-4).

Outro ponto em comum se encontra no julgamento do corpo enquanto sujeito corruptivo da alma/psique, Em Platão este julgamento apresenta da seguinte forma:

A continuação desta liberdade, poderia vir a não quere se submeter as autoridades e como conseqüência disto, negar obediência a um pai, uma mãe, pessoas de idade, e perto do final, pretender não esta submetido as leis e em ultimo caso, despreocupar-se dos juramentos, fidelidades e, em geral, dos deuses, manifestando e imitando a chamada “antiga natureza titânica”, chegamos de novo aquela mesma condição e passando uma vida penosa sem nos livrarmos, nunca, das desgraças (PLATÃO, Leis: 3 p. 701. apud BERNABÉ, 2003, p. 224).

Ao trabalhar a “Antiga Natureza Titânica” Platão se refere a natureza pecaminosa, sedutora, do corpo humano herdado de seus anteparados, Titãs, segundo a antropogonia orfica. O mesmo podemos constatar na escrita paulinista do texto aos Romanos, onde nitidamente o corpo e visto como causador, sedutor, indutor do pecado:

Sabemos bem que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo, para que o corpo de pecado fosse destruído e assim não sejamos mais escravos do pecado (Romanos: 6, 6).

Que o pecado não reine mais no corpo mortal de vocês, submetendo-os as suas paixões. (Romanos 6, 12)

No meu intimo, eu amo a lei de Deus, mas percebo em meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e que me torna escravo da lei do pecado que esta nos meus membros (Romanos 7: 22-23).

Infeliz de mim! Quem me libertara deste corpo de morte? Sejam dadas graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pela razão sirvo a lei de Deus, mas pelos instintos egoístas sirvo a lei do pecado (Romanos 7: 24-25)

Se Cristo esta com vocês , o corpo esta morto por causa do pecado, e o Espírito e vida por causa da justiça. Se o espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou cristo dos mortos Dara vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu espírito que habita em vocês (Romanos: 8 10-11).

Ambas as fontes, seja as *Leis* de Platão ou a *Epístola aos Romanos*, demonstram de forma clara um posicionamento negativo em relação ao corpo. Mesmo tendo na tradição paulinista a defesa do corpo como templo da divindade monoteísta, e inegável a sua posição quanto a relação deste com o pecado. E com relação ao último versículo descrito, podemos apontar mais um ponto de influxo orfíco em relação ao Culto de Mistérios Cristãos, no tangente ao fim último da alma/psique. de acordo com Platão: “Estes quando morrem, chegaram ao prado, no trevo onde partem os dois caminhos, um a ilha dos Bem Aventurados, outro ao tártaro” (PLATÃO, Gorgias: 524. apud: BERNABÉ, 2003, p. 524).

Nesta passagem o autor remete a escatologia do Culto de Mistérios Órficos, segundo a qual duas passagens existem no mundo dos mortos, uma leva a “Salvação” e é seguida pelos justos, outra para o Tártaro, para onde seguem os injustos. Esta passagem é atestada em inúmeras lâminas funerárias, de ouro, conhecidas como Lâminas Orficas. Estas instruem ao iniciado como se portar e por onde seguir em seu pós-morte. O destino diferenciado entre iniciados e não iniciados também se encontra na escatologia do Culto de Mistérios Cristãos, como atesta as passagens seguintes:

Mas agora, livres do pecado e tornados escravos de Deus, vocês dão frutos que conduzem a santificação e o fim dele é a vida eterna. Pois a morte é o salário do pecado, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Jesus Cristo, nosso Senhor (Romanos: 6, 22-23).

Os que vivem segundo os instintos egoístas inclinam para os instintos egoístas; mas os que vivem segundo o Espírito ensinam para aquilo que é próprio do Espírito. Os desejos dos instintos egoístas levam a morte; enquanto os desejos do Espírito levam para a vida e a paz (Romanos: 8, 5-6).

Tanto em Platão quanto no escrito paulinista encontramos destinos diferentes para os iniciados e não-iniciados, o que demonstra claramente os influxos órficos nas duas obras, trazendo texto que se assemelha as lâminas orficas, como o exemplo da lâmina encontrada na necrópole de Hipomímio, sul da Itália, datada de 400 a.C:

Este (dito) da Memória (é) sagrado: quando, porventura, você morrer vá para as casas bem-ajustadas do Hades: há na direita uma fonte junto desta está um cipestre branco. Ali as almas dos mortos descem e se

refrescam. [D]essa fonte, não vá muito perto. Em seguida, você encontrará água fria [es]correndo a partir do lago da Memória: os guardiães que lá estão, estes lhe perguntarão, em frases secas, o que procura nas trevas do Hades sombrio. Diga: "(Sou) filha da terra e do Céu estrelado e estou seca de sede e pereço. Concedam-me rapidamente água fria que escorre do lago da Memória para beber." Então lhe interrogarão da parte do Rei dos infernos e lhe darão de beber do lago da Memória. E você, tendo bebido, irá pelo caminho sagrado pelo qual os outros iniciados (mystai) e báquicos (bácchoi) seguem, renomados. (GAZZINELLI, 2007, p. 20).

Conclusão

Com isso concluímos que o texto paulinista encontrado na *Epístola aos Romanos* em muito se assemelha ao encontrado em Platão e em outras fontes órficas, o que demonstra com grande clareza a presença de elementos órficos na carta. Entendemos também que esta presença chega ao documento através do misto cultural no qual se encontra inserido o autor da fonte textual e seus receptores. Contudo não afirmamos o contato direto deste com o Culto de Mistérios Órficos, no entanto atestamos o seu contato com correntes filosóficas gregas com forte teor órfico em seus escritos, e que o autor então teria optado pela utilização de princípios órficos para o melhor entender de seus correspondentes romanos. Com isso podemos apontar a importância do Culto de Mistérios Órficos na tradição Paulinista, e a sua importância para a construção da tradição predominante no Pensamento Cristão.

REFERÊNCIAS

Documentação Textual:

BIBLIA DE JERUSALEM. *Novo testamento*. São Paulo, 1994.

GAZZINELLI. Gabriela Guimarães. *Fragmentos Órficos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

Bibliografia:

BERNABÉ, Alberto. "Parmenides y El orfismo". In: *Textos Órficos y Filosofía Presocrática: Materiales Para Uma Comparación*. Madrid: Trota, 2003.

_____. Platon y el Orfismo. In: *Seminario Orotava de Historia de la Ciencia*. Madrid: 213-234.

BINATO, Claudia Valeria Penavel; FAVARO, Aluysio. *Orfismo e Cristianismo*. In: *XXIII Semana de Estudos Clássicos; V Encontro de Iniciação Científica em Estudos Clássicos*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, p. 74-83, 2008.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, vol.II. Petrópolis: Vozes, 1991.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. – Ed. Ver. E atual. São Paulo: FTD, 2000.

BURKERT, Walter. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Calouste, 2002.

BURNS, Edwar McNall. *Historia da civilização ocidental: do homem das cavernas as naves espaciais* – v. 2, 44 ad. São Paulo: Globo, 2005.

CARRETELLI, Giovanni Pugliese. *Les Lamelles d'or Orphiques*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

CARVALHO, Silvia Maria S. *Orfeu, Orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: Unesp, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. *O Mundo Como Representação*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, 1991. SIELO. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2009.

CHATELET, François; DETIENNE, FESTUGIERE, Andre J.; Marcel; RICCEUR, Paul; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Grécia e Mito*. Lisboa: Gradiva, 1988.

DETIENNE, Marcel. *A escrita de Orfeu*. Rio de Janeiro: Zoar, 1991.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Historia de Israel: dos primórdios ate Bar Kochba e de Theodor Herzl ate os nossos dias*. Sao Paulo: Editora Teológica, 2005.

GUTHRIE, W. K. C. *Orfeo y la religión griega*. Buenos Aires: EUDEBA, 1970.

JONES, Peter V. *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JAUREGUI, Miguel Herrero. *La Tradicion Orfica en la Literatura Apologetica Cristiana*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2005.

NETO, Walter Nascimento. Destino da Alma – Destino da Pólis: Religião Políade, Orfismo e Suas Relações Com a Cidade. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.antiguidade.org>. Acesso em: 31 out. 2009.

IRVIN. Dale T; SUNQUIST, Scott W. *Historia do Movimento Cristão Mundial, Volume I: Do cristianismo primitivo a 1453*. São Paulo: Paulus, 2004

QUESNEL, Michel. *Paulo e as Origens do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 1998. SIELO. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200003&script=sci_arttext.. Acesso em: 08 jul. 2009.

SANTOS, Rita de Cássia Codá dos. *Epitáfios Gregos – A função conativa no epigrama fúnebre: o apelo à eternidade*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2005.

SELVATICI, Monica. *Paulo de Tarso e a abertura do cristianismo a gentildade*.

PHOENIX. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p 271-283, 2001

VALASCO, Francisco diez. *Religión, rito e iconografía del paso al más allá en la Grecia Antigua*. Madri: Trotta, 1995.